

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E SABER SENSÍVEL: CAMINHOS E PERCURSOS EDUCATIVOS

Gilmara dos Santos Oliveira Vergara¹

RESUMO: *Trata-se de refletir e apresentar alguns dados parciais sobre a presença do saber sensível na prática Docente de Professores participantes do Programa de Formação Continuada de Professores em Exercício parceria entre a Universidade Federal da Bahia e o Município de Irecê. Nesta perspectiva, partimos da idéia de que os domínios da contemporaneidade abrangem não só a Formação Técnica e Profissionalizante, mas também a compreensão de um Saber Sensível como apresenta João Francisco Duarte Jr., acredita-se que esta dimensão atua na libertação do sujeito e, sobretudo na ampliação das possibilidades de ensino e aprendizagem buscando leituras aproximadas sobre o sujeito e seu desenvolvimento de forma plena. Cabe então, compreender qual o lugar do Saber Sensível, incorporado neste trabalho como imaginação, no Imaginário do Professor na sua trajetória de formação.*

Palavras-chave: Formação do Educador; Saber sensível; Imaginação.

INTRODUÇÃO

A formação dos professores tem sido alvo de muitas discussões na contemporaneidade pela dissonância entre ensinar/aprender, bases da práxis Docente. Nesta perspectiva, pensa educação hoje, é, sobretudo pensar no acesso e nas formas de interação e conhecimentos que demandam complexamente a realidade em que vivemos e convivemos.

Nesse sentido, a Formação Docente, tem sido refletida por vários autores que partem de idéias de que o ato de ensinar é pensado a partir de um conjunto de conhecimentos, competências e habilidades que servem de alicerce à prática docente, sendo eles os saberes da ação escolar e/ou acadêmica.

Por isso a valorização e qualificação dos professores é considerada fundamental e emergencial para melhorar a qualidade de ensino, aprimorar as ações educativas, de modo que todos possam alcançar resultados de aprendizagem reconhecidos e mensuráveis, especialmente em alfabetização, operações numéricas e habilidades essenciais para o mercado de trabalho e para a vida.

Paralelo a este plano, as Dimensões Sensíveis, saber considerado marginal para a ciência positivista e que na escola foi esquecido. Apontam para o homem em suas relações com o mundo, com ele mesmo e com outros homens, onde ele e suas ações não podem ser resultados de uma série de “raciocínios lógicos”, mas, partem de funções psíquicas que levam em conta afeto, emoção e sensibilidade, elementos que não provém de uma única lógica pré-estabelecida.

¹ Pedagoga, Especialista em Administração da Educação com Gestão Participativa pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Estudante do Mestrado em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

EDUCAÇÃO E O MUNDO SENSÍVEL

Pensar a vida humana sem o sensível é desconsiderar o homem e suas capacidades de comunicação com a natureza e com o cosmo. Pois em sua vivência cotidiana a todo tempo o homem sonha, abstrai, se projeta, percebe e compreende o mundo de forma diversificada, apresenta explicações míticas, utiliza as metáforas e significados aos porquês da vida.

Estas dinâmicas estão diretamente ligadas ao ato imaginativo, onde busca de respostas sobre os anseios e dilemas cotidianos nesta dimensão é o próprio sentido e abertura para a vida dando significado ao existir.

Para Maffesoli (2001:174) “todos esses rituais cotidianos, aos quais não se presta atenção, que são mais vividos do que conscientizados, raramente verbalizados, são eles, de fato que constituem a verdadeira densidade da existência individual e social”. Ou seja, o rico universo cultural se apresenta com uma gama de significados e impossível de qualificá-los.

Desta forma, Duarte Jr. (2001) expõe a crítica de que o inteligível e o sensível que foram progressivamente apartados entre si, sendo considerados setores incomunicáveis da vida, nos quais as significações se davam a partir dos modos lógico-conceituais. No entanto, agimos cotidianamente com base nos saberes sensíveis sem nos darmos conta de sua importância e utilidade.

Cabe esta dimensão algumas funções fundamentais ao ser no mundo, a de formar imagens persistentes das coisas, em contraste com as imagens efêmeras da sensação; a de ativar a memória; a de sonhar, quando o espírito, livre das exigências dos estímulos exteriores pode examinar-se inteiramente por meio das imagens; e ainda a de suscitar e conservar o desejo.

Partindo disto, a imaginação é uma dimensão extremamente perigosa, pois liberta e transforma o sujeito em “potência” diante do mundo. Na visão de Duarte Jr. (2006:12), não resta dúvidas de que existe um saber sensível, “inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos”. Trata-se de um saber direto, corporal e anterior às representações simbólicas.

A este respeito, as descobertas de tanto Castoriadis quanto Bachelard nos auxiliam no entendimento deste poder ilimitado, evasivo e impulsivo da Imaginação libertando o sujeito. É um fenômeno capaz de construir “imagens que ultrapassam a realidade”, vai além do previsto, ou melhor, nesta perspectiva não existe previsibilidade.

Pois na visão de Bachelard a Imaginação Criadora em relação à percepção², campo visual, ou “nova crítica” quanto à imagem: “imagem percebida e imagem criada”, são duas instâncias psíquicas distintas, mas complementares e fundamentais na construção humana. Considerando duas variantes: a Imaginação Reprodutora como uma correspondente da percepção e memória, dando conta do reconhecimento físico dos objetos e a Imaginação Criadora, que se encarrega da compreensão da “irrealidade”, que é tão útil quanto o real.

De acordo com este plano, a função imaginante é unir o poder da ação racionalista ao poder da ação criadora o que aponta para nova perspectiva de uma discussão dinâmica sobre a

² Para Bachelard Perceber é apenas identificar, trata-se de uma faculdade da Imaginação.

complementaridade da razão a partir dos fenômenos como aponta Husserl³ (2006). E nesta perspectiva, o ser humano atribui significados que vão além da funcionalidade dos atos ou objetos. E dar significado implica em estar no plano simbólico.

RAZÃO E IMAGINAÇÃO

Pode-se considerar que os domínios da ciência moderna trouxeram uma série de valores e conceitos capazes de distinguir, selecionar e até mesmo direcionar os caminhos que o saber humano deveria trilhar. Partindo disto, tudo que não se enquadrava nos moldes da ciência moderna não poderia ser considerado saber ou dimensão relevante ao uso das comunidades instituídas.

Com educação não foi diferente, pois é visível o fato de que a prática docente reflete os valores e procedimentos da ciência positivista e Cartesiana em seu cotidiano. Sobre esta lógica científica Duarte Jr. (2006:70), afirma que todo “desenvolvimento” tecnológico a que a ciência propõe vem acompanhado de “profunda regressões nos planos social e rural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida”. Esta idéia abre perspectiva para discutir sobre até quanto a ciência dá conta de responder questões humanas.

A ciência Positivista em seu surgimento por volta do século XVII arrastou o mito mo resolver e dar respostas para os dramas humano. Marginalizando outros saberes considerando como sobrenatural, místico, devaneio ou simplesmente “senso comum”, pondo num plano de desprivilegio.

Vale ressaltar que Morin (2007:502) alerta-nos de que a razão nos acompanha desde sempre, dizendo claramente que a “razão é algo que designa certa capacidade específica do ser humano”. Desta forma a proposta deste trabalho é partir de um plano de complementaridade e não de dualidade ou exclusão do papel significativo da ciência.

O interessante deste diálogo é que o autor considera o valor da racionalidade que acompanha o homem desde o seu surgimento e a crítica que se estabelece é quanto à racionalização do saber e exclusão de outras possibilidades. A partir daí, exploraremos a Imaginação Criativa em quanto, Dimensão libertadora do sujeito, como aponta Castoriadis que possibilitará revalidar novas perspectiva para a Formação de Professores.

A IMAGINAÇÃO E UM NOVO FAZER PEDAGÓGICO...

Transitando pelo espaço educativo, percebemos o quanto a estrutura escolar se mostra metódica, fria e sem criatividade. Os planos pedagógicos, quando elaborados, normalmente são cópias distantes do contexto e das vivências dos sujeitos participantes. Pois as propostas pedagógicas normalmente partem dos “módulos” que apesar de terem se modernizado no plano concreto, ideologicamente cumprem a mesma função do livro didático. As atividades são sempre em função de trabalhar o reforço ao aprendizado dos conteúdos que continuam ilhados entre si e

³ Considerado o pai da fenomenologia – estudo sobre fenômeno.

sem significado para o educando mantendo uma rotina historicamente sem desejo e sem sabor para os alunos.

Nesta perspectiva, a rotina escolar é uma forma de conter a intersubjetividade e mais precisamente os “devaneios” de cada sujeito. Sobre este parâmetro, imagem habitual detém as forças imaginantes, não permitindo a ação dinâmica da Imaginação Criativa. Ou seja, a imagem aprendida nos livros didáticos, nos módulos, sob a supervisão do professor, limita o uso da Imaginação. Essa prática descrita nos remete exatamente sobre as concepções do uso do saber sensível e mais especificamente da Imaginação, por parte do Professor que mergulhado numa série de exigências mercadológicas precisa estender-se sobre o saber técnico, o saber tecnológico e sobre sensibilidade para compreensão do desenvolvimento humano.

Criticando esta lógica educativa Duarte Jr. considera que,

A educação centrada sobre faculdades humanas isoladas, como o intelecto ou a sensibilidade, só podem resultar em indivíduos dotados de um profundo e básico desequilíbrio: ao sensível e ao inteligível devem ser propiciadas condições equânimes de desenvolvimento, sob pena da produção de seres arraigadamente desequilibrado. Duarte Jr. (2006:169).

Ou seja, não basta ter o domínio técnico científico é preciso conhecer e valorizar a subjetividade humana como complemento da objetividade e vice-versa, para compreender o desenvolvimento humano.

Na visão de Tardif (2002:61), os saberes que servem de base para o ensino, tais como são vistos pelos professores, não se limitam à conteúdos bem circunscritos que dependem de um conhecimento especializado. Eles abrangem uma grande diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão relacionados com seu trabalho. Além disso, não correspondem, ou pelo menos muito pouco, aos conhecimentos teóricos obtidos na universidade e produzidos pela pesquisa na área de educação: para os professores e profissão, a experiência de trabalho parece ser a fonte privilegiada de seu saber/ensinar.

Para Freire “(...) é preciso que o formando, desde o princípio de sua experiência formadora, assumo-se como sujeito da produção do saber, se convença, definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Pois através do diálogo, que na visão de Freire trata-se de uma espécie de “postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos”. (Freire, 1986:123)

É neste momento que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a “fazem e re-fazem”. E é nesta perspectiva a nossa preocupação de compreender sobre o Imaginário Docente e o uso do sensível e mais especificamente da Imaginação.

Vale ressaltar que na visão de Morin (2007) qualquer reforma educativa deve primeiro passar por uma reforma do pensamento do Professor. Pois é preciso repensar os valores educativos se libertando de práticas antigas que não conseguiram dar conta do desenvolvimento humano de forma plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões levantadas, consideramos que a Formação de Professores precisa ser repensada no sentido de conhecer e valorizar o uso de dimensões simbólicas do sujeito como possibilidade de desenvolvimento pleno em torno das próprias experiências.

Nesta perspectiva, a dimensão Imaginária surge como respostas aproximadas sobre o uso ou não uso da Imaginação nos espaços educativos, pois se trata um terreno fértil, aberto e que tem o papel de libertar o sujeito para transformação de seu espaço e sociedade em que vive. É antes de tudo, um processo dialógico de construção onde o sujeito troca experiências compartilhando idéias utilizando dimensões que escapam do controle científico.

Lidar com a Imaginação requer flexibilidade e sensibilidade na compreensão das diferentes formas e dinâmicas que se processam nos distintos níveis de aprendizagens: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio ou Superior e distintos espaços de aprendizagem: Creches, Escolas, Hospitais, EAD, etc. Pois esta dimensão não pode ficar de fora da experiência escolar, se estamos vivendo a chamada civilização da imagem, é preciso que também os professores sejam capazes de ler os apelos visuais, cênicos, musicais que nos cercam.

Neste parâmetro, a Formação do Professor pede uma discussão sobre possibilidades de uso abordagens como a transdisciplinariedade, por exemplo, que apontem para uma nova lógica de concepção de ensino e aprendizagem e, portanto uma nova compreensão de construção de ensinar e aprender derrubando os muros que separam o real do imaginário, a ciência do saber sensível, construindo uma nova lógica de aprendizagem que valorize o sujeito em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIA

AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de (org). *Imaginário e Educação: reflexões teóricas e aplicações*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p. 59-78.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Ed.3ª. Tradução de José Américo Motta Pessanha (et all). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991.

-----, *O Novo Espírito Científico*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986.

-----, *O Ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

-----, *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BELLO, Ângela A lês. *Introdução à Fenomenologia*; Tradução de Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

CARVALHO, Flávio. Universidade Federal de Pernambuco. Texto: *A relação psique e sociedade*: <http://veredas.traco-freudiano.org/veredas-8/txt-flavio.doc>.



DUARTE JR., João Francisco. *O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível*. Ed.4ª. Curitiba-PR: Editora Criar Edições, 2006.p.11-40/ 161-200.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

----- e SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MORIN, Edgar. *A Religação dos Saberes: Desafio do Século XXI*. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Morin. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 500-560.

TARDIF, Maurice. *Saberes e Formação Profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.